



OS SENHORES DA GUERRA EM AS TROIANAS

Rafael Chaves Martins¹

Resumo

Neste artigo analisaremos a tragédia *As Troianas*, de Eurípides. Faremos um retrospecto com as principais características do teatro de Eurípides. Nossa análise irá atentar-se na riqueza de suas personagens, fazendo um paralelo entre o que dizem os mitos envolvidos e como o tragediógrafo apropriou-se deles para tecer essa trama – a reação das mulheres diante da barbárie dos seus novos senhores. Dessa forma, comprovaremos a importância da literatura como forma de denunciar o papel da mulher e dos órfãos em nossa sociedade – desde o seu alvorecer –, vítimas desses mesmos senhores.

Palavras-chave: Literatura. Antiguidade. Tragédia.

1 Introdução

Nossa cultura está repleta de exemplos artísticos do espírito destrutivo do homem. Picasso, com *Guernica*, denunciou os horrores nazistas na segunda guerra. John Lennon cantou a esperança do fim da guerra do Vietnã. Chico Buarque foi a voz consciente que denunciava os abusos da ditadura militar brasileira. Todos esses foram artistas que fizeram uso da sua arte para resistir aos horrores de algum tipo de guerra, sua brutalidade, sua capacidade de aniquilamento. Eurípides, há vinte e cinco séculos, foi talvez o artista que inaugurou a arte de fazer o povo refletir diante de governos autoritários, injustos, corruptos, de guerras sem sentido, em que as vítimas indefesas ficam à mercê da pior face do ser humano, da sua barbárie.

Nesse artigo iremos analisar a forma como o autor fez o paralelo de uma guerra do passado, presente no imaginário grego da época, com uma guerra travada naquele momento, um combate, entre nações irmãs, por riquezas, poder e ego. O autor buscou os mitos e tramou-os de forma que os horrores da guerra de então fossem demonstrados no palco, através do destino das troianas, o destino de toda uma sociedade.

2 O teatro de Eurípides

Eurípides, de acordo com D'Onofrio (2007, p. 69-71), nasceu em 480 a.C., em Salamina. Foi discípulo de dois importantes filósofos da Antiguidade, Anaxágoras e Protágoras. Baseou sua produção inspirado pelo pensamento dos sofistas, resultando na

¹ Acadêmico do curso de Letras da FAPA, orientado pela Prof^a Mara Ferreira Jardim na disciplina de Introdução à História da Literatura Ocidental I. E-mail: rafael.marves@hotmail.com.

crítica ferrenha à guerra e ao instinto animalesco do homem, sua busca incontrolável pelo poder e riquezas, ceticismo em relação aos deuses, e pela exaltação do caráter em contraponto à nobreza de nascimento, genealógica. Conforme Aristóteles (2007, p. 53), “Eurípides [...] revela-se-nos certamente como o mais trágico de todos os poetas”. Faleceu no ano de 406 a.C.

É importante ressaltar que foi Eurípides quem inaugurou o tema do amor e o final feliz na tragédia, o que não a descaracteriza e nem desqualifica. Vejamos o que diz Brandão (2007, p. 15) a respeito disso: “É que o trágico pode não estar no *fecho*, mas no corpo da tragédia. Chamamos, por isso mesmo, *tragédia* à peça cujo conteúdo é trágico e não necessariamente o fecho.”

Dezenove tragédias de Eurípides resistiram aos milênios e nos foram legadas, conforme Kury (2007, p. 11): *As Troianas*, *As Bacantes*, *As Fenícias*, *Ifigênia em Áulis*, *Ifigênia em Táuris*, *Helena*, *Orestes*, *Íon*, *As Suplicantes*, *Electra*, *O Ciclope*, *Heracles*, *Os Heráclidas*, *Hécuba*, *Medeia*, *Andrômaca*, *Hipólito*, *Alceste*, e *Resos*.

As Troianas, junto com *Alexandre* e *Palamedes*, compõe uma trilogia, apresentada em 415 a.C. *Alexandre* conta a história de Páris-Alexandre, quando ele vai a Tróia para participar dos jogos gímnicos e é reconhecido como o príncipe entregue à morte para evitar um oráculo que diz ser ele o motivo da destruição da cidade. *Palamedes* conta a história do herói grego que dá nome à tragédia, sobre o seu naufrágio devido ao ciúme e sobre a traição a Odisseu. Ainda fez parte dessa apresentação, como de costume na época, o drama satírico *Sísifo*. De todas, apenas *As Troianas* chegou aos dias de hoje (LESKY, 2006, p. 227-228).

3 Relatos de guerra

As Troianas é uma grande crítica à guerra do Peloponeso, embate fratricida entre Atenas e Esparta por poder e status, que ocorria a época em que a tragédia foi encenada. É justamente essa cruzada cega por poder e riquezas que Eurípides critica, e, através de um paralelo com a investida grega à mítica cidade troiana, o tragediógrafo tece uma longa trama na qual questiona o papel do vencedor e do perdedor, do despojo de guerra; o papel da mulher, tratada como objeto e quase sempre destinada como escrava ou concubina (KURY, 2007).

Eurípides seria, nos dias de hoje, um grande crítico à investida bélica das grandes potências e a favor dos direitos humanos: “O homem que destrói cidades é demente como o profanador de templos e de túmulos, asilos sacrossantos dos parentes mortos. Quem age dessa forma cedo há de perder-se.” (EURÍPIDES, 2007, p. 175).

A tragédia começa com o diálogo entre Poseidon e Atena: Ambos estão abandonando Tróia, não sem antes resolver o castigo destinado aos gregos por seus abusos. Atena pede que Poseidon castigue a esquadra grega no retorno à sua pátria. Hécuba surge então, com seu canto de lamúria, junto ao coro de mulheres troianas, guardadas em tendas num acampamento em frente às ruínas de Tróia. O mensageiro dos gregos entra em cena e anuncia a Hécuba o seu destino: escrava de Odisseu; o destino de suas filhas: Cassandra, concubina de Agamemnom, e Polixena, o sacrifício, como indica através de indiretas; e da nora Andrômaca: escrava de Neoptólemo. Então Cassandra sai de uma das tendas, onde estão as troianas, em transe, dançando e cantando seu hino nupcial, no qual ela profetiza o destino de Agamemnom; logo, o seu também, e de Odisseu.

Hécuba recorda o episódio do cavalo de madeira, a derrocada de Tróia. Uma carroça chega trazendo Andrômaca e Astíanax. Através da nora, descobre que Polixena fora sacrificada sobre o túmulo de Aquiles. Ela orienta a nora a tratar bem o seu novo senhor, para que Astíanax possa sobreviver e vir a tornar-se um guerreiro, buscando vingança.

O mensageiro retorna à tenda das troianas com a notícia de que o conselho de guerra resolveu sacrificar Astíanax, evitando assim uma oportunidade de vingança. Andrômaca despede-se do filho, e ele é levado à muralha da cidade, de onde será atirado.

Menelau vem ao acampamento para informar Helena que resolverá o destino dela quando regressarem a Esparta. Hécuba pede que ela seja punida exemplarmente, e alerta-o para que não caia nas suas armadilhas.

Helena defende-se, alegando que mulher nenhuma é dona do seu destino, e que o marido é que fora relapso ao deixá-la sozinha no reino, junto a Páris. Ela ainda acusa Hécuba de aceitar o retorno do filho, já adulto, que acreditava ter sido sacrificado quando bebê por haver com uma previsão — revelado a ela pelos Deuses, através de um sonho — de que o bebê que trazia no ventre, Alexandre-Páris, seria o motivo de um futuro incêndio em Tróia. Não acreditando na previsão aceita o — revelado a ela pelos Deuses, através de um sonho — de que o bebê que trouxera no ventre, Alexandre-Páris, seria o motivo de um futuro incêndio em Tróia e aceitando ainda assim o filho, quando esse foi reconhecido, já adulto, nos jogos gímnicos. Hécuba duvidou das previsões de um adivinho, um sacerdote de Apolo; logo, ela é culpada pela destruição da cidade.

O mensageiro retorna trazendo o corpo de Astíanax, sobre o escudo de Heitor, e Hécuba prepara os seus ritos fúnebres. Termina a peça com as troianas sendo encaminhadas à nau e tendo ao fundo as ruínas de Tróia sendo incendiada.

4 De dentro das tendas das cativas

O mito nos revela, de acordo com Grimal (2005, p. 194), que Hécuba é a esposa do rei Príamo, de Tróia. Existem duas vertentes para explicar o seu nascimento. Uma de origem frígia, e outra, trácida. O número de filhos que tiveram é controverso. Para alguns estudiosos, teriam sido mais de 50 filhos, para outros seriam 19 — dentre eles, Heitor, Páris, Polixena, Polidoro, Deífobo, Heleno e Cassandra.

Uma outra parte do mito, não utilizada nesta tragédia, nos diz que Hécuba, ao saber que seu filho Polidoro fora assassinado — por ganância, pelo rei Poliméstor, a quem fora confiado antes do final da guerra, junto com algumas riquezas — planeja uma vingança. Na viagem de retorno a Ítaca, ao fazerem uma parada em Quersoneso Trácio, reino de Poliméstor, Hécuba consegue atrair o rei e seus dois filhos para sua tenda, e, junto com as demais cativas, assassina o traidor e seus herdeiros. Essa trajetória é contada na tragédia *Hécuba*, também de Eurípidés.

Na trama de Eurípidés, *As Troianas*, Hécuba tem um papel de destaque, pois é através de suas voz que a barbárie dos gregos é denunciada. A forma como os vencedores subjagam os troianos, assassinando todos os homens sobreviventes, violando as mulheres; o assassinato de Astíanax e o sacrifício de Polixena, demonstram sua crueldade e o horror que a guerra propicia. “De que senhor, de quem serei cativa, eu, velha, triste, inútil qual zangão, espectro lastimável, [...] Eis a tarefa reservada àquela que em Tróia tinha as honras de rainha!” (EURÍPIDES, 2007, p. 179). Hécuba, nessa obra, tem uma postura de dignidade — mesmo vendo seus descendentes caindo um a um —, demonstrando assim um verdadeiro papel de majestade, diferente dos heróicos reis gregos que se portam como verdadeiros bárbaros, animais.

Segundo Grimal (2005, p. 76-77), Cassandra é filha de Príamo e Hécuba, irmã gêmea de Heleno, e como ele possui o dom da profecia. Ele profetiza através de interpretações das aves e de sinais, já ela é através de transe hipnóticos. Uma das versões da origem desse dom de Cassandra, conta que Apolo teria oferecido esse dom em troca do amor da jovem, que, na hora de entregar-se ao deus, o recusou. Como castigo, Apolo retirou-lhe o dom da persuasão, fazendo com que ninguém acreditasse nas adivinhações de Cassandra.

Cassandra, na versão de Eurípidés, exerce o papel de despojo de guerra. O tragediógrafo denuncia aqui como as mulheres são tratadas: como um bem ou um tesouro a ser partilhado entre os vencedores. Na tragédia, Cassandra cabe a Agamemnom, e se tornará sua concubina. A princesa troiana, durante a peça, tem um transe, em que lhe são revelados o seu destino e o de seu senhor, Agamemnom. Ambos serão assassinados, ao regressarem a Micenas, pela esposa do rei, Clitemnestra. Aqui temos mais uma denúncia: Eurípidés demonstra que as desgraças não cabem aos perdedores, e sim aos vencedores também, pois nenhum dos heróis gregos retornará com sucesso ao lar.

Agamemnom encontra a morte, sinal que a guerra é prejudicial a todos. Isso fica explícito nessa passagem:

[...] Os homens desse rei, [...] foram dizimados em lutas árduas cujo prêmio não seria nem a sobrevivência do país natal, nem a preservação das muralhas primevas. E essas vítimas sem número de Ares não mais reviram seus abandonados filhos e a mão que os sepultou não foi da esposa amada; em terra estranha jazem seus sofridos corpos. Nos lares que deixaram a desdita é igual; morrem viúvas as mulheres sem arrimo; os pais idosos morrem e não deixam filhos para perpetuá-los nos lares vazios; [...] Aí está o merecido panegírico à expedição dos gregos. (EURÍPIDES, 2007, p. 188).

Andrômaca, conforme seu mito (GRIMAL, 2005, p. 26), é apresentada como uma mulher forte e corajosa. Esposa de Heitor, mãe de Astíanax e nora de Príamo e Hécuba, cabe a Neoptólemo, filho de Aquiles, na partilha dos gregos. Após a morte deste, casa-se com Heleno, filho de Príamo que teria sobrevivido e sido destinado como herdeiro de Neoptólemo, e juntos reinam felizes.

Andrômaca protagoniza uma das cenas mais fortes e emocionantes da peça de Eurípides. Ao saber que terá seu filho atirado do alto da muralha de Tróia, por medo dos gregos que ele venha crescer e procurar vingança, Andrômaca chora a impotência ante o poderio do exército grego. Representa assim o choro de todas as mulheres que perderam seus filhos, que tiveram suas vidas destroçadas pela guerra. “Filhinho meu querido! És tudo que me resta, meu filho, e morrerás nas mãos dos inimigos! E eu serei a mãe mais infeliz do mundo [...]” (EURÍPIDES, 2007, p. 206). E demonstra até que ponto os heróis gregos são capazes das mais terríveis monstruosidades, como assassinar um bebê incapaz de defender-se.

Helena é a esposa de Menelau, rei de Esparta. Filha de Zeus com Leda, tem seu pai humano: Tíndaro (GRIMAL, 2005, p. 197-200). Helena tem uma beleza radiante, o que encanta a todos os reis gregos, seus pretendentes. Tíndaro, orientado por Odisseu, propõe um pacto no qual Helena escolheria o seu esposo, e os demais deveriam zelar pela felicidade do casal, afastando assim qualquer tentativa de que um dos nobres recusados viesse buscar a desforra. Esse pacto é executado quando Páris, numa embaixada a Esparta, rapta Helena e os tesouros de Menelau. Os reis gregos são chamados, um a um, para tomar parte dessa investida a Tróia.

Menelau, de acordo com Grimal (2005, p. 303-304), é o rei de Esparta, casado com Helena e pai de Hermíone e Nicóstrato. Alguns autores ainda lhe atribuem outros filhos, como Etiolau, Trónio, Morráfio, Plístenes e Mélite, com Helena; e Megapentes e Xenodamo, com escravas. Após a guerra de Tróia, vaga perdido pelos mares, até aportar no litoral egípcio, no reino de Proteu, onde faz as pazes com sua esposa. Algumas lendas relatam que Helena teria sido deixada ali por ordem de Zeus, e que apenas um espectro seu teria sido levado por Páris.

A cena do encontro de Menelau e Helena pode parecer deslocado dentro da tragédia, afetando assim a unidade de ação. Mas Kury (2007, p. 167) defende a idéia de que se trata de “[...] uma pausa na sucessão de desgraças que compõem a peça, e é um reflexo típico das disputas sofisticadas em voga na época de Eurípides, nas quais se defendia o indefensável como exercício de eloqüência”. Também não podemos esquecer que Helena está sendo tratada como uma cativa, igual a qualquer troiana sobrevivente. Tanto que ela está junto às demais nas tendas, em frente às ruínas. Por isso seu destino também é descrito. “Meus remadores a transportarão comigo até a Grécia; lá tirar-lhe-ão a vida aqueles que têm de vingar entes queridos [...]” (KURY, 2007, p. 211).

Helena, apontada por todos como a grande culpada pela guerra, tem agora a oportunidade de se defender. Em sua fala ela acusa o marido, Menelau, de relapso, por tê-la deixado sozinha em Esparta, indo ao funeral de seu pai. Ela, sozinha no palácio, foi seduzida pelo jovem príncipe estrangeiro, sendo raptada junto com todo o tesouro do reino. Helena ainda acusa Hécuba de ser a verdadeira culpada pela destruição de Tróia, pois ela duvidou da interpretação que um adivinho teve de um sonho seu, e aceitou o retorno do filho, já adulto, considerado perdido.

Hécuba, segundo Helena, duvidou da palavra de um sacerdote, que é o representante de um Deus na terra, cometendo assim a sua *hybris*, e causando o incêndio de Tróia.

Menelau está representado como o típico marido traído, dominado pelo ódio e o rancor: “Não venho debater, Helena, mas matar-te” (EURÍPIDES, 2007, p. 212). Como vimos, ele deseja aniquilar Helena, mas a sábia Hécuba já antevê a reconciliação entre o casal: “Não seja a nau a mesma que te levará! [...]. Haverá sempre amor no coração do amante” (EURÍPIDES, 2007, p. 218).

Ainda aparecem na peça os deuses Poseidon e Atena, logo no primeiro ato. Através do diálogo entre eles, fica definido qual será o destino dos heróis gregos. O pedido parte de Atena, que, embora tenha defendido a causa grega na guerra, não aceita os abusos cometidos pelos vencedores. Poseidon, que tinha protegido os troianos, aceita o pedido de bom grado, pois viu a muralha construída por ele ser destruída pelos gregos. Age assim com um gosto de vingança. Nas palavras de Eurípides (2007, p. 175): “Quando partirem suas naus daqui de Tróia levando-os de retorno ao lar, conforme esperam. Zeus as fustigará com chuvas em torrentes e tempestades escurecerão os céus [...]” Ou seja, todos sofrerão pela guerra de Tróia, vencedores e perdedores.

5 Troia, Peloponeso, Bagdá, Rio de Janeiro

Eurípides é, sem dúvida, um dos três grandes tragediógrafos da literatura ocidental, e isso fica evidente na tragédia que foi analisada. Através de *As Troianas*, o autor conseguiu

traçar um paralelo entre uma guerra em curso à época em que a peça foi encenada, com um evento mítico do imaginário grego, o saque a Tróia. Seu relato é tão impressionante que torna possível a atualidade desse tema até os dias de hoje, e pode ser comparado a guerras atuais, como a do Iraque ou a dos Bálcãs.

O destino das mulheres de Tróia, da rainha Hécuba e das princesas Polixena, Cassandra e Andrômaca é o destino, hoje, das mulheres de Bagdá, do Rio de Janeiro, de Sarajevo, de Jerusalém. Mulheres que são violadas, humilhadas, subjugadas, vêem seus filhos sendo mortos, diariamente, mulheres que não compreendem como a guerra pode ser lucrativa para alguém, ou que seu horror é o custo pago pelo benefício de poucos “senhores”.

Os “senhores da guerra” não se importam com nada, apenas em garantir os seus objetivos — poder, riquezas, status, ego —, mesmo que o custo pago pelos inocentes seja alto demais. É impressionante pensar que, mesmo com esses registros literários, o homem, ao longo desses milênios, permanece agindo da mesma forma. Petróleo; fronteira; subemprego; tráfico de armas, drogas, corpos; prostituição, tudo isso continua sendo mais valioso do que a vida e a dignidade dessas mulheres e desses órfãos.

Eurípides, através do relato dessas mulheres troianas, desvenda a alma humana, demonstra o quanto a guerra pode ser prejudicial para ambos os lados envolvidos, o papel da mulher na cultura ocidental, e o poder destrutivo do ser humano quando inspirado pela cega ambição de fortuna e o poder.

6 Conclusão

Um dos objetivos da arte que se pode perceber em Eurípides é conscientizar os cidadãos. E, através de *As Troianas*, mostra que por trás do embate entre atenienses e espartanos há o interesse dos seus governantes, os verdadeiros senhores da guerra. Mas essa guerra tem um custo, todas as guerras os têm.

Trata-se, portanto, de uma obra atual, viva e verossímil. Eurípides conseguiu tramar sua obra de modo tal que hoje, ao abrirmos um jornal e lermos em suas páginas podemos perceber os mesmos dramas e tragédias sofridos pelas troianas.

Referências

ARISTÓTELES. Arte poética. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BRANDÃO, Juanito de Souza. Teatro grego: tragédia e comédia. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. Forma e sentido do texto literário. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

EURÍPIDES. Medéia; Hipólito; As Troianas. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GRIMAL, Pierre. Dicionário de mitologia grega e romana. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

KURY, Mário da Gama. Introdução. In: EURÍPIDES. Medéia; Hipólito; As Troianas. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LESKY, Albin. A tragédia grega. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.